cação. Universidade Rafael María de Mendive de Ciências Pedagógicas. Pinhal do rio. 2004. RODRIGUEZ, Abreu, M. (2010). Bases perceptivo-motoras na escola primária: percepção espacial. Revista Digital, 15 (146). Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd146/las-bases-perceptivo-motrices-en-primaria.htm. Acesso em 11 jun 2021.

UNICEF. Primeira infância. Disponível em: http://www.unicef.com.co/situacion-de-la-infancia/primera-infancia/. Acesso em 12 jun 2021.

VIGOTSKY, SL. Trabalhos completos. (Vol. 2) Capítulo 5 Pessoas e Educação: Havana. p. 186. 1982.

A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

MARIA SIMONE CARTAXO DIAS

RESUMO

Esse artigo pretende apontar reflexões a respeito da importância da educação infantil. Há cada vez mais pesquisas científicas que indicam claramente a existência de um período sensível no desenvolvimento do cérebro nas primeiras fases da vida humana, que determina o desenvolvimento ideal do córtex cerebral. Estudos, incluindo um estudo longitudinal de 20 anos , mostram que quanto mais estimulação intelectual uma criança recebe aos quatro anos, mais desenvolvidas as partes do cérebro dedicadas à linguagem e à cognição estarão nas próximas décadas de vida, especialmente o cérebro região associada à memória semântica, processando os significados das palavras, e responsável pelo conhecimento geral do mundo. Com o crescimento da pesquisa científica, o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil também está aumentando lentamente na sociedade. Este conhecimento é muito importante na hora de decidir se uma criança deve ficar em casa até a idade em que deve iniciar a escolaridade obrigatória, ou melhor, mandá-la para a Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Cérebro; Estimulação; Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article aims to point out reflections on the importance of early childhood education. There is more and more scientific research that clearly indicates the existence of a sensitive period in the development of the brain in the early stages of human life, which determines the ideal development of the cerebral cortex. Studies, including a 20-year longitudinal study, show that the more intellectual stimulation a child receives at age four, the more developed the parts of the brain dedicated to language and cognition will be in the coming decades of life, especially the brain region associated with semantic memory , processing the meanings of words, and responsible for general knowledge of the world. With the growth of scientific research, knowledge about child development is also slowly increasing in society. This knowledge is very important when deciding whether a child should stay at home until the age when he / she should start compulsory schooling, or better, send him / her to Early Childhood Education.

KEYWORDS: Brain; Stimulation; Development.

INTRODUÇÃO

Pesquisas no cérebro humano fornecem evidências inequívocas da importância especial do período inicial da vida de uma criança para seu desenvolvimento e futuro. "Graças à neurociência do desenvolvimento, entendemos melhor como as experiências no início da vida afetam os diferentes estágios de desenvolvimento posterior. O desenvolvimento deficiente na primeira infância afeta a saúde (física e mental), o comportamento e o aprendizado mais tarde na vida." (Importância da Educação da Primeira Infância, Enciclopédia Infantil)

A primeira infância é considerada a fase mais importante do desenvolvimento. O desenvolvimento saudável da primeira infância, que inclui o desenvolvimento físico, social / emocional e linguístico / cognitivo (ambos igualmente importantes), afeta fortemente a saúde física e mental, as habilidades de alfabetização e matemática, o sucesso na vida.

E a falta de cuidados adequados nesta fase inicial pode levar a muitos problemas, como obesidade, doenças cardíacas, crimes e

muito mais. O que acontece com uma criança nos primeiros anos é crucial para a trajetória de seu desenvolvimento.

A importância da idade pré-escolar no desenvolvimento infantil não pode ser exagerada. Durante esse tempo, muitas mudanças dinâmicas de desenvolvimento estão ocorrendo na esfera do desenvolvimento físico, social, emocional, moral, cognitivo e comunicativo. Todas ajudam a criança a compreender melhor o mundo, a si mesma e a outras pessoas, e a criar a oportunidade de satisfazer suas próprias necessidades e desejos de uma forma socialmente aceitável. Este encontro de seus próprios desejos com as exigências do mundo, encontrando maneiras de lidar com essas duas tendências, muitas vezes opostas, é uma das tarefas mais importantes da educação infantil.

De acordo com Vygotsky (1989, p. 37):

As potencialidades do indivíduo devem ser levadas em conta durante o processo de ensino-aprendizagem. Isto porque, a partir do contato com uma pessoa mais experiente, as potencialidades do aprendiz são transformadas em situações que ativam nele esquemas processuais cognitivos ou comportamentais, ou de que este convívio produza no indivíduo novas potencialidades, num processo dialético contínuo.

Também é um desafio para os cuidadores acompanhar a criança de forma que ela aprenda a ter sensibilidade para suas próprias necessidades, prontidão para definir metas e coragem para alcançá-las, ao mesmo tempo em que compreende e respeita os pontos de vista, necessidades e desejos das outras pessoas.

O objetivo da educação infantil deve ser otimizar esse período no desenvolvimento da criança para proporcionar-lhe o ambiente mais estimulante e seguro possível.

Segundo Kramer:

Sabemos, que é crucial o contexto de vida das crianças com quem trabalhamos para o processo de construção de um currículo. Entendemos também que uma compreensão mais aprofundada de quem são as crianças e de como constroem conhecimentos é obtida com a realização de cada trabalho e com o desenvolvimento de pesquisas relacionadas às crianças e aos fatores sociais e culturais que as influenciam na construção de seus conhecimentos". (1989, p.39)

As crianças ganham muito com a ida para a educação infantil porque ficam expostas a números, letras e formas ali. Mas, o mais importante, eles desenvolvem habilidades sociais e emocionais e aprendem como se relacionar com outras crianças, compartilhar e contribuir.

As crianças são naturalmente curiosas e observadoras. Eles querem aprender as habilidades que suas famílias e a sociedade valorizam - como ler as instruções para montar um brinquedo ou selecionar as notas ou moedas corretas para pagar uma compra.

A reapreciação é uma oportunidade para eles estarem em um ambiente estruturado com professores e grupos de crianças, onde aprenderão a compartilhar e seguir instruções, levantar a mão quando quiserem fazer uma pergunta, se revezar e compartilhar a atenção do professor. Toda criança deve ter esse tipo de experiência em grupo antes de começar o ensino fundamental.

A educação infantil proporcionará um lugar onde a criança irá adquirir um senso de identidade, explorar, brincar com seus colegas e construir confiança. Crianças na educação infantil geralmente descobrem que são capazes e que podem fazer coisas por si mesmas em vez de sempre pedir à alguém para intervir.

A educação infantil é o primeiro lugar onde a criança constrói sua autoestima. A criança aprende a importância de seu próprio nome, coisas e amigos. Cada criança aprende a se comunicar com seus professores e colegas na pré-escola. É o lugar certo para a fundação da criança para o progresso ao longo da vida. As habilidades e conhecimentos que a criança desenvolve na Pré-Escola têm um grande impacto na aptidão e atitude da criança mais tarde na vida.

A autoconfiança adquirida ao aprender de maneira lúdica contribui para o desenvolvimento da personalidade da criança.

A atitude positiva de aprendizagem da criança, fundamento básico em linguagem, compreensão e gestão, ajuda o professor a facilitar a aprendizagem da criança no jardim de infância e em níveis superiores de educação.

Além disso, os especialistas em educação infantil afirmam que as crianças aprendem melhor quando têm a oportunidade de interagir com seus colegas, e seus pais e instrutores os tratam com bondade. Eles florescem bem em um ambiente sem tensão. Além disso, eles compreendem e aprendem melhor as coisas

se forem apresentados a coisas novas em pequenas porções.

A INFÂNCIA E SUA HISTÓRIA

No mundo imprevisível e em rápida mudança de hoje, tendemos a confiar no arbítrio das crianças para garantir sua sobrevivência após eventos traumáticos. Por causa disso, pais e professores precisam estar familiarizados com as maneiras de encorajar o arbítrio das crianças para apoiar sua saúde e eficácia ao longo da vida.

Segundo Heywood:

Pode-se apresentar um argumento contundente para demonstrar que a suposta indiferença com relação a infância nos períodos medieval e moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação de filhos. Os bebês abaixo de 2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um "pobre animal suspirante", que tinha tantas probabilidades de morrer com pouca idade (HEYWOOD, 2004, p.87).

Tradicionalmente, as crianças não tinham voz e não eram ouvidas; na verdade, eles foram silenciados. Nos últimos anos, instituições educacionais, legais, organizações de caridade e instituições médicas, apelaram a uma maior autonomia das crianças para sobreviver nestes tempos desafiadores.

De acordo com Amarilha:

Como não havia uma preocupação maior com essa fase da vida, o período era marcado pelo alto índice de mortalidade. Ora, sendo seres tão transitórios não valia a pena dedicar-lhe sentimentos mais profundos e duradouros. Assim as crianças eram deixadas para serem criadas por serventes, amas-secas, até que pudessem ter certa autonomia para o convívio com os adultos e chegassem a lhes ocupar o lugar (AMARILHA, 2002, p.126).

Primeiramente, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) estabeleceu o caminho para a discussão da agência para mulheres e crianças. Com o tempo, as práticas de educação infantil mudaram de abuso de crianças e infanticídio aceito para a teoria de compartilhamento de poder adulto-criança sensível.

As mudanças nas teorias da infância apontam para uma mudança na relação dos adultos com as crianças. Os professores também terão que reconhecer o arbítrio das crianças, vendo-as como "extremamente criativas, possuidoras de uma grande percepção e conhecimento" (St. Thomas e Johnson, 2007 , p. 10). De acordo com Sorin (2005), as crianças, sem dúvida, precisam ser protegidas contra danos em desastres pessoais como abuso.

Sarmento (2007) sustenta que:

As condições sociais e culturais são heterogêneas, mas incidem perante uma condição infantil comum: a de uma geração desprovida de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento e que está sob o controle da geração adulta. A condição comum da infância tem a sua dimensão simbólica nas culturas da infância (2007, p. 03).

Pode ser necessário que pais, professores e agentes de proteção à criança tomem conhecimento das teorias da infância, da educação infantil e da tipografia das crianças ao longo da história, para serem capazes de refletir sobre suas próprias práticas de ensino ou educação infantil.

Do mesmo modo, professores e pais devem estar cientes de que 'arte, brincadeira e imaginação' são necessários para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

O conceito de infância é sempre mutável e complexo, com interpretações variadas. Vista tradicionalmente em conexão com as práticas de educação infantil, a "infância" é uma construção social e cultural adulta, desenvolvida no mundo ocidental; ou como Zhao (2011) afirma: "É um reflexo dos objetivos sociais, políticos e culturais específicos do tempo e espaço únicos", nos quais as crianças acontecem para crescer até a idade adulta (p. 241). Os grupos sociais mostram tendências diferentes culturalmente devido a variações nas atitudes e crenças que variam ao longo do tempo, pois o comportamento das pessoas depende de uma interação vibrante na vida diária.

Em relação à infância, Chaffin (2006) afirma que "ao longo da história as crianças foram criadas de maneiras que vão desde a criação, passando pela indiferente até a selvagem" (p. 663). O infanticídio, por exemplo, era praticado em todas as culturas, dependendo da atitude tolerante de uma sociedade (deMause, 1994 ; Tomison, 2001). Eisenberg explica que por milhões de anos o infanticídio "tem sido um procedimento aceito para descartar não apenas bebês deformados ou doentes, mas todos os recém-nascidos que possam esgotar os recursos da

família individual ou da comunidade em geral" (Eisenberg, 1981 , p. 300). A palavra criança é entendida como falta de idade, maturidade ou de adequada integração social. Portanto essa definição está longe de ser apenas o fator da idade, pois está associada a determinados papéis e desempenhos específicos e esses

papéis dependem estreitamente da classe social que a criança é inserida.

Sua participação no processo produtivo, o tempo de escolarização, o processo de socialização no interior da família e da comunidade, as atividades cotidianas se diferenciam dependendo da posição da criança e de sua família na estrutura sócio - econômica. Se essa inserção social é diferente, fica impróprio ou inadequado supor a existência de uma população infantil homogênea, ao invés de se perceber diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização.

Se adotarmos uma concepção abstrata da infância, está analisando a criança como "natureza infantil", distanciando de suas condições objetivas de vida e como se estas fossem desvinculadas das relações de produção existente na realidade. Entender a criança em relação ao contexto social e não como natureza infantil, constitui o princípio central desta definição.

AS MUDANÇAS COGNITIVAS DURANTE A EDUCAÇÃO INFANTIL

Uma das mudanças cognitivas mais importantes nos anos pré-escolares que ocorre entre as crianças de três a quatro anos é o desenvolvimento do pensamento simbólico. O pensamento simbólico é a capacidade de representar mental ou simbolicamente objetos, ações e eventos concretos. O sinal mais óbvio do desenvolvimento do pensamento simbólico em crianças de dois a três anos é o

aumento significativo no uso da forma em miniatura das coisas ao seu redor e levá-las a um mundo de imaginação que se torna mais elaborado à medida que crescem.

Há uma intensa interação entre a estimulação precoce, via órgãos dos sentidos e a carga genética. Como consequência, produz-se um efeito decisivo no desenvolvimento cerebral da criança, com impacto de longa duração na fase adulta. O desenvolvimento do cérebro humano é mais do que natureza (patrimônio genético) versus criação (vivências, meio ambiente, cultura), mas uma substancial ênfase na interação. (SHONKOFF & PHILLIPS, 2000 apud. BARTOSZECK, 2004, p. 5).

Portanto, é de grande importância para uma educação infantil ter muitas coisas para chamar a atenção de seus alunos.

A educação pré-escolar é a necessidade da hora, pois a maioria dos pais está trabalhando e não tem tempo de qualidade para ficar com os filhos. A maioria dos bebês é deixada em casa com os avós ou ajudantes que não são capazes de orientá- los da maneira que deveriam ser.

Assim, a educação infantil não é um lugar para buscar o domínio do currículo acadêmico, mas sim um lugar onde as crianças realizam todo tipo de atividades que são atraentes para elas e as ensinam de forma especial.

A educação infantil ajuda no crescimento e desenvolvimento emocional, social e pessoal da criança. Embora a criança aprenda a falar em casa, na pré-escola, a interação contínua e a exposição com crianças da mesma faixa etária e professores os ajudam a aprimorar suas habilidades de comunicação. Isso envolve a tradução de imagens mentais para línguas para que pensamentos e conhecimento sejam transformados em informação.

Nas duas tradições principais de desenvolvimento cognitivo, as perguntas geralmente assumem formas diferentes. Na tradição estruturalista, fortemente influenciada pelo trabalho de Jean Piaget, Heinz Werner e outros, as questões são: Como o comportamento é organizado e como a organização muda com o desenvolvimento? Na tradição funcionalista, fortemente influenciada pelo behaviorismo e pelo processamento da informação, a questão é: Quais são os processos que produzem ou estão por trás da mudança comportamental? Neste capítulo, revisamos as principais conclusões de ambas as tradições sobre o desenvolvimento cognitivo em crianças em idade escolar.

De acordo Freitas, possuímos os seguintes sentidos:

Táctil: o sentido do tacto; resposta dos receptores da pele sobre o toque, pressão, temperatura, dor e movimento dos pelos sobre a pele. Auditivo: contribuição relativa aos sons, a habilidade de perceber corretamente, discriminar, transformar e reagir a sons. Oral: Relativo à boca, a habilidade de perceber corretamente, discriminar, processar e responder aos paladares ou a estímulos dentro da boca. Olfativo: relativo ao cheiro, uma habilidade de

perceber corretamente, discriminar, processar e responder a diferentes odores. Visual: relativo à vista, a habilidade de perceber corretamente, discriminar, processar e responder ao que se vê. Vestibular: situado no ouvido interno responsável sobre as reações ao movimento e equilíbrio. Proprioceptivo: o sentido da "posição"; como o cérebro interpreta a posição do corpo, peso, pressão, alongamento, movimentos e alterações na posição. A capacidade de perceber espacialmente, cada segmento corporal em particular ou o corpo como um todo, tanto em situações estáticas, como nas atividades que demandam movimento (dinâmicas). (FREITAS, 2010, p.4)

O estudo do desenvolvimento cognitivo, especialmente em crianças em idade escolar, tem sido um dos focos centrais da pesquisa sobre desenvolvimento nos últimos 25 anos. Há uma enorme literatura de pesquisa, com milhares de estudos investigando mudanças cognitivas a partir de muitas perspectivas específicas.

As orientações gerais ou investigações do desenvolvimento cognitivo são semelhantes para todas as faixas etárias - primeira infância, infância e idade adulta. A grande maioria das investigações, no entanto, envolve crianças em idade escolar e, para essas crianças, surgem várias questões específicas, incluindo, em particular, a relação entre escolaridade e desenvolvimento cognitivo.

A integração sensorial é um processo neurofisiológico que se refere à capacidade cerebral para organizar e interpretar a informação provinda dos sentidos mediante o confronto dessa informação com as aprendizagens e memórias armazenadas no cérebro. Com base nessas operações, o organismo produzirá respostas às excitações sensoriais que geram, por sua vez, novos estímulos. (COSTA, 2000, p. 59)

As crianças não se desenvolvem nos estágios definidos tradicionalmente. Ou seja, (1) seu comportamento muda gradualmente, não abruptamente, (2) eles se desenvolvem em taxas diferentes em diferentes domínios, ao invés de mostrar mudanças sincrônicas entre domínios, e (3) crianças diferentes se desenvolvem de maneiras diferentes.

O desenvolvimento cognitivo mostra, no entanto, uma série de características semelhantes a um palco mais fracas. Primeiro, dentro de um domínio, o desenvolvimento ocorre em sequências ordenadas de etapas para populações relativamente homogêneas de crianças (Flavell, 1972). Ou seja, para uma determinada população de crianças, o desenvolvimento em um domínio pode ser descrito em termos de uma sequência específica, na qual o comportamento a se desenvolve primeiro, depois o comportamento b, e assim por diante.

De maneira mais geral, parece haver momentos de reorganização em grande escala de comportamentos em muitos (mas não todos) domínios. Nessas horas, as crianças mostram mais do que as pequenas mudanças qualitativas comuns que ocorrem todos os dias. Eles demonstram mudanças qualitativas importantes, e essas mudanças parecem ser caracterizadas por mudanças grandes e rápidas em vários domínios.

Um dos fatos mais bem estabelecidos no desenvolvimento cognitivo é que o desempenho não segue estritamente os estágios. Ao contrário, os estágios de desenvolvimento variam amplamente com manipulações de praticamente todos os fatores ambientais estudados (Flavell, 1971, 1982b). A irregularidade de desenvolvimento, também chamada de decalque horizontal (Piaget, 1941), parece ser a regra para o desenvolvimento em geral (Biggs e Collis, 1982; Fischer, 1980). Durante os anos escolares, pode se tornar ainda mais comum do que nos anos anteriores. No momento em que as crianças atingem a idade escolar, elas parecem começar a se especializar em caminhos distintos de desenvolvimento com base em suas habilidades e experiências diferenciais (Gardner, 1983; Horn, 1976; McCall, 1981). Algumas formas fracas de estágios de desenvolvimento - o que chamamos de níveis - provavelmente existem, como observamos,

Uma insuficiência de estimulações sensoriais na infância pode ocasionar nas crianças dificuldade em detectar, regular, interpretar e dar respostas adequadas às informações sensoriais recebidas do ambiente, fatores que poderão causar prejuízo no desempenho nas atividades de vida diárias da criança como brincar, aprender, cuidar- se, contribuindo para sua exclusão no contexto social. (COELHO; IEMMA; LOPES-HERRERA, 2008, apud. ANDRADE, et al, 2016, p.2)

Uma vez que a desigualdade de desenvolvimento mostrou ser generalizada, parece inevitável que as sequências de desenvolvimento variem entre as crianças e entre os contextos. Infelizmente, houve poucas investigações testando variações na sequência. A maioria dos estudos que documentam a prevalência de decalques são projetados de forma

que possam detectar apenas variações na velocidade de desenvolvimento em uma sequência fixa, não variações na própria sequência. A escassez de estudos testando diferenças individuais na sequência, aparentemente surge do fato de que os desenvolvimentistas cognitivos têm procurado pontos comuns na sequência, não diferenças.

O desenvolvimento dos aparelhos sensoriais está implícito desde o começo na interação da criança com os adultos que dela cuidam e transcorre em função de um processo de aprendizagem. O adulto inclina-se sobre a criança, aproxima e afasta seu rosto, acerca-se e distancia-se, estende para ela um objeto de cor viva e, com isso, dá motivo para que a criança fixe a vista no rosto do adulto ou no brinquedo, para que se produza a convergência dos olhos e a contemplação. (ELKONIN, 2009.Apud. SOUZA, 2014, p.28)

No entanto, alguns estudos avaliaram expressamente as diferenças individuais, e seus resultados indicam que diferentes crianças e diferentes situações produzem de fato sequências diferentes (Knight, 1982; McCall et al., 1977; Roberts, 1981). Uma hipótese plausível é que as sequências de desenvolvimento são relativas, mudando com a criança, a situação imediata e a cultura.

Um dos pontos fundamentais desta concepção diz respeite ao sentido atribuído por Piaget à palavra “conhecer”: organizar, estruturar e explicar o mundo em que vivemos — incluindo o meio físico, as ideias, os valores, as relações humanas, a cultura de um modo mais amplo

— a partir do vivido ou experienciado. Se, para Piaget, o conhecimento se produz a partir da ação do sujeito sobre o meio em que vive, só se constitui com a estruturação da experiência que lhe permite atribuir significação. A significação é o resultado da possibilidade de assimilação. Conhecer significa, pois, inserir o objeto num sistema de relações, a partir de ações executadas sobre esse objeto. (CAVICCHIA, 2010, p.13)

Para examinar essa hipótese, os pesquisadores devem enfrentar uma importante questão oculta - a natureza e a generalidade das classificações usadas para codificar níveis ou etapas sucessivas de organização comportamental. Na verdade, quando questões de classificação são trazidas para a análise, fica claro que a universalidade e a relatividade da sequência não são opostas. Com um modo geral de análise, todas as crianças podem mostrar a mesma sequência de desenvolvimento em algum domínio, enquanto com um modo de análise mais específico, todas podem demonstrar sequências diferentes no mesmo domínio.

Dada essa perspectiva e dado o foco nas necessidades dos educadores da primeira infância, certas teorias e tópicos sobre a mudança e o funcionamento humano são "promovidos" em valor para a exclusão de outros. Como regra, as teorias que destacam a influência social ou processos colaborativos são mais úteis para professores de crianças pequenas do que pontos de vista que deixam a interação humana fora de cena. Uma série de distinções clássicas tornam-se mais úteis se integradas do que separadas: as diferenças clássicas entre mente e corpo, por exemplo, ou entre pensamento e sentimento, o indivíduo e o mundo social, ou observação e intervenção.

A adoção de uma perspectiva relacional sobre o desenvolvimento cognitivo faz sentido óbvio para aspectos da vida em sala de aula que são explicitamente sociais, como a formação de relacionamentos com colegas ou o efeito de ligações iniciais no comportamento de crianças em idade pré-escolar. O que pode ser mais difícil de acreditar é que uma perspectiva social ou colaborativa semelhante é possível e útil para atividades de desenvolvimento que parecem menos inerentemente sociais - incluindo o tópico do pensamento das crianças em particular.

Tendemos a considerar a cognição como uma habilidade expressa independentemente - algo que é adquirido e exibido sozinho, mesmo na sala de aula mais orientada para a atividade e apropriada para o desenvolvimento. Mas da perspectiva de um adulto, a independência é ilusória: vista em um contexto mais amplo, mesmo uma criança que trabalha sozinha ainda é parceira de professores, colegas e de outras pessoas invisíveis no aprendizado e no pensamento. Os professores, portanto, precisam de maneiras de entender e trabalhar com crianças que reconheçam totalmente essas parcerias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início de cada vida humana é uma época de potencial ilimitado. A cada segundo, um bebê forma mais de um milhão de novas

conexões neurais, ligando a mente curiosa ao corpo. Mas as circunstâncias externas de nossos primeiros anos determinam em grande parte quanto desse potencial podemos aproveitar.

Com o passar dos anos, a importância da primeira infância tornou-se mais clara. O desenvolvimento na primeira infância é agora considerado um período que estabelece a base para a saúde geral, felicidade, sucesso e comportamento social futuros de um indivíduo. Os anos de zero a três podem ser uma época de grandes oportunidades - ou uma chance perdida de dar a uma pessoa sua melhor chance na vida.

Entre crianças nascidas em famílias com diferentes níveis de renda e educação, as disparidades de vocabulário começam a aparecer antes de a criança completar dois anos. Estudos mostram que crianças com acesso à educação infantil são adultos mais bem-sucedidos. Para o público, a educação durante o desenvolvimento da primeira infância se traduz em redução do risco de deficiências de desenvolvimento e necessidade de educação especial, menor dependência do bem-estar, redução da criminalidade e maior arrecadação de impostos à medida que as crianças se tornam adultos.

O papel ou a ausência de educação durante os primeiros anos de uma criança determina muito de seu desenvolvimento ao longo da vida - cognitivo, emocional- social e físico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARILHA, Marly. Infância e literatura: traçando a história. In: Educação em questão. Natal: EDUFRN, v.10/11, p.126-136, 2002.

ANDRADE, O. P. et al. Percepção dos professores sobre a Importância das atividades sensoriais para o desenvolvimento Infantil. Nov. 2016. Disponível em:

<https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA5_ID56_21102016203050.pdf> Acesso em: 13 Fev 2021.

BARTOSZECK, A. B. BARTOSZECK, F. B. Neurociência dos seis primeiros anos: implicações educacionais. Harpia, v. 1, n. 2, p. 1-25, 2004. (no prelo). Disponível em:

<http://www.educacao.mppr.mp.br/arquivos/File/projeto_estrategico/argumentos_neu rologico. Acesso em 12 Fev 2021.

s_neurociencia_6_prim_anos_bartoszeck.pdf > Acesso em: 20 fev.2018. CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. Caderno de Formação – Formação de Professores: educação infantil

– princípios e fundamentos, v. 1. São Paulo: Unesp, 2010.

CHAFFIN M (2006) A mudança de foco da pesquisa e prática de maus-tratos infantis dentro da psicologia. J Soc Issues 62 (4), 663-684.

COLE, M. e BRUNER, JS 1971. Diferenças culturais e inferências sobre processos psicológicos . American Psychologist 26: 867-876.

COLE, M. e GRIFFIN, P. 1980. Cultural amplifiers reconsidered . Em DR Olson, editor. , ed., The Social Foundations of Language and Thought . Nova York: Norton. COSTA, D. Política. In. STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.) Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 325-327.

deMAUSE L (1994) A história de abuso infantil, vício sexual e compulsividade. J Treat Prev 1 (1): 77–91. https://doi.org/10.1080/10720169408400029. Acesso em 12Fev 2021.

EISENBERG L (1981) Perspectivas transculturais e históricas sobre abuso infantil e negligência. Child Abus Negl 5: 299–308.

Flavell, JH e WELLMAN, HM 1977. Metamemory . Em RV Kail, Jr., editora; e JW Hagen, editor. , eds., Perspectives on the Development of Memory and Cognition . Hillsdale, NJ: Erlbaum.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento Digital e Formação de Professores. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.26 | n.03 | p.335-352 | dez. 2010

HEYWOOD, Colin. Uma história da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, Sonia. Com a Pré-Escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo: Ática, 1989.

SARMENTO, Visibilidade social e estudo da infância. In VASCONCELLOS, Vera M.R.; In. SARMENTO, Manuel J. Infância (in)visível. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.